

Um retrato de Isilda Pelicano

Tem no curriculum uma licenciatura em Filologia Germânica, um curso superior de Educação pela Arte e ainda os cursos de Design de Interiores e Design de Moda. Há dez anos que se dedica, em exclusivo, à moda. Apesar do valor intrínseco que coloca em qualquer peça que desenha, corta ou molda, Isilda Pelicano sente-se uma «mal amada» no mundo da moda em que se tem de mover. E tem alguma razão. Nas anteriores edições do «Portugal Fashion» foi colocada no grupo da indústria e não dos estilistas. Foi preciso Laetitia Casta pedir-lhe um fato para levar ao Festival de Cannes para o mundo da moda reparar no património criativo desta estilista. Talvez os ventos comecem a mudar

-  Índice
-  Pesquisa
-  Comentário
-  Forum
-  Inquérito
-  Assinatura
-  Sobre o Expresso...

Como nasceu a ideia de trabalhar do avesso o coordenado que Laetitia Casta levou ao Festival de Cannes?

Foi um feliz acaso, um «coup-de-foudre». Fomos visitar um novo fornecedor e dei com aquele tecido, meio escondido. Foi preciso alguma persistência para o convencer a aceitar uma encomenda pois, como se tratava de um tecido experimental, tinha alguma relutância em vendê-lo. Lá o convencemos. Quanto à utilização do avesso... é uma das minhas «manias». Gosto de experimentar os



Isilda Pelicano

tecidos do avesso e este de sobremaneira, pois toda a teia de fio, muito texturada, dava azo a que fosse trabalhado manualmente. Daí terem resultado todas aquelas transparências, pendentes e sobreposições que o transformaram completamente.

Mas misturou-lhe pele. Aliás, a Isilda trabalha predominantemente com peles. Ou peles e tecidos têm a mesma importância no conjunto do seu trabalho?

É verdade que a pele para mim é uma paixão. Desde o início que a utilizo, (em maior ou menor grau, dependendo de cada colecção) e não consigo pensar em peças sem as imaginar logo como resultariam em pele. Em termos de imagem, a pele é um elemento marcante nas minhas colecções assim como a ligação com os tecidos. Por outro lado, temos vindo a trabalhar com uma das melhores fábricas de curtumes do nosso país que tem apostado na nossa colaboração e nos desafios em busca de novos tratamentos para peles. É uma daquelas situações (não tão comuns em Portugal, como gostaríamos que acontecesse), em que a colaboração

entre um estilista e a indústria gera benefícios mútuos.

Como nasce um vestido? Vai surgindo sem inventário, à medida que a peça se vai compondo? E para criar uma colecção, vai ao essencial, brincando com o supérfluo, usando truques...?

Temos que distinguir duas coisas: o vestido que fazemos por medida ou que criamos para expor no «atelier» tem um processo. O vestido que integra uma colecção é outra história porque uma colecção tem um tema, uma ideia condutora, que passa por uma fase inicial de pesquisa, documentação, recolha de tecidos, peles, outros materiais e pormenores que, depois, começam a tomar forma em esquiços (muitos deles apenas mentais). A seguir passamos à fase de protótipos e aí começam as adaptações aos croquis, as alterações (nem sempre o que parece bem resulta assim tão bem no protótipo e, outras vezes, não resulta mesmo). Assim descrito até parece um processo linear, simples e muito organizado. Na realidade, não o é. Uma colecção é também e, sobretudo, um somatório de emoções e muitas vezes um somatório de sentimentos antagónicos - paixão e ódio, entusiasmo e descrédito, confiança e angústia. Por mais apoios que tenhamos, por maior que seja equipa, a decisão final sobre se um modelo vive ou morre é minha e por isso é que a criação é sempre um acto de solidão (seja para um estilista, um poeta, ou um pintor...) em que temos de optar e decidir em nome da ideia que temos em mente e da imagem que pretendemos transmitir.



Acha que a roupa deve causar emoções: espantar, chocar, fazer com que a amemos ou odiemos...?

Claro que sim, sobretudo emoções. A mulher que veste a minha roupa procura seguramente criar uma imagem em que ela se sinta feliz e segura. Procura, se calhar, partilhar da emoção que teve ao ver desfilar uma peça em «passerelle». Chocar, não. O tipo de imagem e de moda que eu tento criar não é uma imagem de ruptura, de vanguardismo (no sentido extremo do termo) que choque as pessoas. Procuro o equilíbrio de formas, cortes e materiais, numa conjugação tão original quanto possível. Obviamente que, num desfile, passamos peças «experimentais» que visam, sobretudo, criar imagem e que resultam do acto criativo, levado ao extremo, sem limitações e que faz parte do processo evolutivo de uma colecção.

Mas, se o que conta é o autêntico, para que serve a evolução a ruptura, o vanguardismo? E o que é o autêntico, em moda, se ela é, por natureza, efémera? Será que criação implica voltar ao início, destruir, recomeçar, sem perder o essencial?

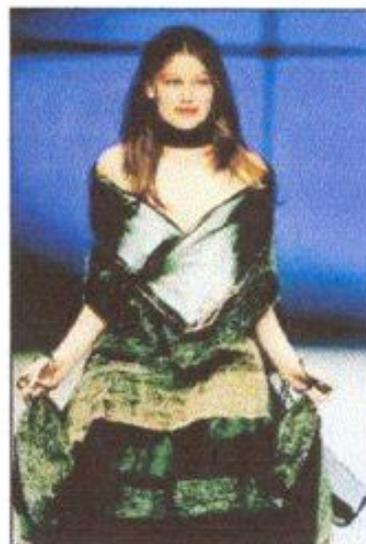
O autêntico é a realidade palpável, é o resultado do nosso processo criativo, é o que fica registado, para o bem e para o mal, em cada estação em que o nosso trabalho e a nossa imaginação são julgados pelo público e pela crítica, no curto espaço de tempo que dura um desfile. A moda é efémera no sentido em



que de seis em seis meses, muda. Agora, isso não significa necessariamente, no meu caso, destruir e apagar o que foi feito. Significa necessariamente recomeçar. Recomeçar todo o processo que lhe descrevi atrás, mas não pôr em causa, continuamente, o passado, antes pelo contrário. A moda é cíclica. Estamos continuamente a ir buscar elementos e conceitos que, no passado, mais ou menos recente, foram usados, naturalmente sujeitos a uma nova interpretação, quer funcional, estética ou construtiva (no caso de novos materiais). E aí há lugar para a inovação e originalidade. Dou-lhe exemplos concretos: os espartilhos que usei na colecção Outono-Inverno tiveram o seu apogeu no séc. XVIII, nas cortes faustosas de Luís XIV a XVI. Foram recriados, nomeadamente, em pele e em renda de bilros. Cheguei à renda de bilros através de um convite para um desfile (com outros criadores), patrocinado pela Câmara de Vila do Conde, para promover a utilização desta renda na moda. A experiência tem sido indescritível... Não imagina o que se pode fazer e criar em renda artesanal - elemento, hoje, fundamental na alta-costura - utilizando novos materiais e novos desenhos! Tornei-me numa fervorosa adepta desta renda e voltei a utilizá-la na colecção de Primavera-Verão 2000-2001. Por outro lado, tem sido um estímulo para as rendilheiras que, face a estes novos desafios, têm demonstrado enorme entusiasmo, capacidade de resposta que vai, certamente, dar os seus frutos dentro dos objectivos a que a Câmara se propôs, divulgando esta técnica na indústria da moda.

A harmonia cromática é um ponto de equilíbrio. Será uma espécie de culto do qual jamais se pode afastar - apesar de uma fase quase obsessiva pelo preto? Como joga com a cor?

A cor é determinante na moda, mesmo quando adoptamos o preto integral. O desenho dá a forma mas é a cor que dá vida ao modelo. Pode até ser, para um criador, o símbolo do seu trabalho, a sua «griffe», como no caso de Schiparelli que adoptou o rosa «shocking» para exprimir a sua revolta e inconformismo. Não há cores feias nem bonitas - e o exemplo disso é a chamada explosão de cores que temos vindo a assistir nas recentes tendências de Moda -, o que existe são desequilíbrios cromáticos. Evidentemente que tenho preferências, tenho também cores que abomino, mas, como em tudo, vou evoluindo e consigo quebrar muitos preconceitos (a tal ruptura de que falava), conseguindo mesmo gostar de algumas cores com as quais, há uns tempos atrás, seria incapaz de trabalhar.



com estola de pele com que Laetitia Casta desfilou no penúltimo «Portugal Fashion» e que pediu para levar ao Festival de Cannes

O que é o luxo na moda?

Luxo, apesar da conotação genérica de ostentação e do facto de estar, desde sempre, ligado a uma exibição de poder, hoje, para mim, não tem uma conotação tão negativa. Luxo, tanto pode ser entrar numa festa com jeans (porque a pessoa que o faz tem um estatuto que lhe permite esse luxo), como vestir, dos pés à cabeça, um conjunto de peças da mais cara «griffe» e, por último, até uma dose de mau gosto pode ser um sinónimo

de luxo - como dizia Galliano um destes dias.

E o que é, para si, o estilo?

É aquilo que, num primeiro olhar, nos permite identificar uma obra (quadro, trecho musical, peça de roupa, colecção) como pertencendo a alguém. Por exemplo, Chanel, Vivienne Westwood e Issey Miyake são exemplos de estilos marcantes e, se no caso dos dois últimos ainda se pode falar de um estilo imposto pelo respectivo criador, no caso de Chanel foi tão marcante o estilo imposto pela sua criadora que mesmo o responsável de hoje, pelas colecções, Karl Lagerfeld - apesar de toda a sua criatividade e versatilidade -, continua a transmitir, ao longo de todos estes anos, o estilo inconfundível de Coco Chanel.



Sais de pele nervurada e camiseiro de pele com frentes em renda de bilros de várias tonalidades de rosa e azul, preso por atilho

«A moda é efémera mas é essencial que seduza. Torna-se excepcional, quando joga sobre vários tabuleiros, em simultâneo.» Esta observação de Sonia Rykiel, suscita-me uma última pergunta: como construiu as colecções deste Outono-Inverno e da próxima estação, que hoje aqui abordamos, e o que há nelas de essencial?

Nesta, utilizando materiais que vão desde os tecidos mais tecnológicos, como os não-tecidos, às sedas com mohair, passando pela pele fina metalizada, pela pele de tubarão tigre e ainda pêlo sintético, numa paleta de cores onde se destacam os verdes (em várias tonalidades), os azuis, os cremes e os pretos nacarados. Esta colecção tem a particularidade do tratamento, à mão, de alguns tecidos, nos quais se introduz e se alternam jogos de opacidade e transparências que dão ao mesmo tecido formas e texturas diversas, conforme o efeito pretendido. Também misturei materiais, nomeadamente tecido e pele, e joguei com diferentes tipos de pele - desde a pelica muito fina à pele tão delicada que parece seda, à pele de tubarão tigre - e misturei-as com sedas e mohair, comprovando que a pele tanto se pode usar em situações formais, como para o dia-a-dia e, até mesmo, à noite. A colecção Primavera-Verão 2001 representa uma importante viragem em relação às últimas colecções. Em primeiro lugar, porque também se destina a um «target» etário mais jovem e, portanto, mais abrangente. Em segundo lugar, porque as formas são mais lineares. Tendo por base linhas estruturais, que na arquitectura servem de base à estruturação dos edifícios, e uma paleta cromática inspirada num quadro de Manuel Baptista, criei uma colecção de linhas



Blusa enrugada de não-tecido e trama metálica que se molda ao corpo sobre saia nervurada, de pelica fina

modernas, fluidas e lineares, com texturas inovadoras em pele, conjugadas com rendas de bilros, de cores e materiais inovadores e contrastantes, que deram origem a peças de grande leveza e requinte.

Texto de PAULA CALISTO



A sua
Opinião...

▲ **REVISTA**



**EDIÇÕES
ANTERIORES**

QUEM SOMOS

**OUTRAS
PUBLICAÇÕES**

PUBLICIDADE

ÍNDICE

[| PRIMEIRA PÁGINA |](#) [| REVISTA |](#) [| OPINIÃO |](#) [| PAÍS |](#)

[| ECONOMIA |](#) [| INTERNACIONAL |](#) [| DESPORTO |](#) [| CARTAZ |](#) [| VIDAS |](#)

Última actualização em 25/11/2000 às 04:23:27.
Copyright 2000 Sojornal. Todos os direitos reservados.
Selecione para obter [informações sobre publicidade](#).
Pedidos de informação para info@mail.expresso.pt.
Mantido por webmaster@mail.expresso.pt.
Desenvolvido por [Neurónio](#).